

O jogo da vida: estratégias e táticas da mobilidade migratória de futebolistas africanos para Portugal

The game of life: strategies and tactics in the migration of African footballers to Portugal

El juego de la vida: estrategias y tácticas en la movilidad migratoria de futbolistas africanos a Portugal

CARLOS NOLASCO¹; NUNO OLIVEIRA²

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, UC, COIMBRA, PORTUGAL

ISCTE-INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA, ISCTE-IUL, LISBOA, PORTUGAL

RESUMO

Este texto, numa abordagem relacional, trata do tema das mobilidades migratórias no futebol, debruçando-se sobre a migração de jovens futebolistas africanos, em particular, jogadores da Guiné-Bissau para Portugal. Centra-se essencialmente nos jogadores sem visibilidade mediática, vulneráveis a estratégias e lógicas que os transcendem. Com base numa investigação qualitativa, realizada no âmbito de um projeto europeu sobre a integração de jogadores africanos na Europa, esta comunicação levanta a questão das redes de poder que se estabelecem no país de origem e no país de acolhimento, as estruturas de recrutamento destes jogadores, as motivações para migrar, e as formas de lidar com os projetos falhados devido à impossibilidade de ter sucesso no mundo altamente competitivo do futebol.

Palavras-chave: Mobilidades. Migrações. Migração de Trabalho Desportivo. Futebolistas Africanos. Futebol Português.

ABSTRACT

This text takes a relational approach to the subject of migratory mobility in football, focusing on the migration of young African footballers, particularly players from Guinea-Bissau to Portugal. It essentially focuses on players without media visibility, who are vulnerable to strategies and logics that transcend them. Based on qualitative research carried out as part of a European project on the integration of African players in Europe, this communication raises the question of the power networks that are established in the country of origin and in the host country, the recruitment structures of these players, the motivations for migrating, and the ways of dealing with failed projects due to the impossibility of succeeding in the highly competitive world of football.

Keywords: Mobilities. Migrations. Sports Labour Migration. African Footballers. Portuguese Football.

RESUMEN

Este texto adopta un enfoque relacional del tema de la movilidad migratoria en el fútbol, centrándose en la migración de jóvenes futbolistas africanos, en particular de jugadores de Guinea-Bissau a Portugal. Se centra esencialmente en jugadores sin visibilidad mediática, vulnerables a estrategias y lógicas que los trascienden. A partir de una investigación cualitativa realizada en el marco de un proyecto europeo sobre la integración de los jugadores africanos en Europa, este trabajo plantea la cuestión de las redes de poder que se establecen en el país de origen y en el país de acogida, las estructuras de reclutamiento de estos jugadores, las motivaciones para emigrar y las formas de afrontar los proyectos fracasados debido a la imposibilidad de triunfar en el mundo altamente competitivo del fútbol.

Palabras clave: Movilidades. Migraciones. Migración Laboral Deportiva. Futbolistas Africanos. Fútbol Portugués.

¹ Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). E-mail: cmsnolasco@ces.uc.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9932-9222>.

² Professor do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). E-mail: nuno.filipe.oliveira@iscte-iul.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9935-1334>.

INTRODUÇÃO

Os atletas estão em movimento. De acordo com John Bale e Joseph Maguire (1994), essa realidade é evidente quando se observa o fenômeno desportivo como cientistas sociais ou simples adeptos. Os atletas têm estado sempre em movimento. Essa circunstância não se refere ao movimento inerente do desportivo, mas sim ao movimento migratório, daqueles que deixam o seu país de origem para praticar desportos noutra. A rápida disseminação do desporto à escala global, ainda no século XIX, reflete o movimento cosmopolita do desporto como expressão da modernidade europeia e, concomitantemente, a existência de processos migratórios que lhe estão associados. As dinâmicas migratórias atuais, que ganharam impulso com a aceleração das globalizações, alteraram a estrutura laboral nas diferentes áreas da vida social. Nesse âmbito, também o trabalho desportivo ultrapassou fronteiras geográficas, políticas, culturais, étnicas e económicas, intensificando-se progressivamente à escala global, tornando-se mais complexo com a diversificação das origens e destinos migratórios, e com a dinâmica dos processos de transferência (Maguire; Falcoux, 2011). Assim, a migração de talentos desportivos constitui uma característica evidente e uma realidade significativa no amplo mapa global dos desportos. Quase todos os desportos são afetados por este processo, contudo, a migração de mão-de-obra desportiva é mais visível no futebol, especialmente nas ligas europeias, nas quais “[...] os jogadores estrangeiros se tornaram um elemento natural das paisagens do futebol” (Ben-Porat, 2002, p. 54).

Se inicialmente eram os países da Europa Ocidental o grande foco de atração para os futebolistas desenvolverem as suas carreiras, melhorarem a sua situação financeira e terem oportunidades que não lhes eram oferecidas nos seus próprios países, atualmente outros espaços são igualmente polos de atração, nomeadamente na Ásia e na península arábica. Foram essencialmente quatro os fatores mobilizadores que estiveram na origem destas macrodinâmicas: a instituição da figura de agente de jogador, o qual representa os interesses do futebolista e pode promover a sua mobilidade e facilitar o processo migratório (Lanfranchi; Taylor, 2001); a resolução Bosman de 1995, que colocou termo ao limite de jogadores nacionais de países terceiros por equipas da União Europeia e às cláusulas de rescisão dos contratos dos jogadores sempre que estes mudavam de equipa em final do contrato (Maguire; Stead, 1998); a criação da Liga dos Campeões da UEFA, com os subsequentes altos níveis de recompensa financeira aos clubes; o aumento das receitas provenientes dos meios de comunicação social e dos patrocinadores por efeito da transmissão dos jogos (Magee; Sugden, 2002).

Apenas uma pequena parte dos jogadores imigrantes prossegue uma carreira desportiva de sucesso, altamente mediatizada e remunerada. A maioria dos jogadores que imigram aspiram a ter esse percurso de sucesso no país de destino, contudo enfrentam imensas dificuldades, nomeadamente enfrentam vários desafios no processo migratório, seja no início da sua viagem ou na entrada nos países de destino, e confrontam-se posteriormente com problemas sociais e económicos nos países de acolhimento. Encontrar clubes que os contratem, garantir um salário digno e superar os vários preconceitos dos cidadãos do país para onde migraram são alguns dos problemas com que os jogadores imigrantes têm de lidar. Em particular, os jogadores originários dos países menos desenvolvidos de África enfrentam diferentes barreiras, tanto nos processos de migração como nos seus esforços para seguir carreiras desportivas. Estes atletas enfrentam riscos de tráfico de seres humanos e lutam com vários obstáculos devido às suas condições de vida desfavoráveis. Migram para um país sem informações sobre a sua estrutura jurídica e social, e essa situação afeta negativamente as suas possibilidades de integração e de obtenção de emprego num clube. As necessidades desses recém-chegados e dos imigrantes há mais tempo estabelecidos, vão desde as necessidades individuais básicas (por exemplo, acesso a habitação, oportunidades de emprego, educação e

aprendizagem) até um maior envolvimento cívico e ligações sociais. Sobretudo nos países ocidentais, os organismos governamentais e as organizações de base comunitária têm despendido muito tempo e esforço na disponibilização de recursos e informação aos recém-chegados (Caidi; Allard, 2005).

Atendendo a estes pressupostos, o objetivo deste texto é abordar o processo migratório de jovens futebolistas africanos, nacionais da Guiné-Bissau para Portugal, considerando as suas motivações, os processos em que estão envolvidos e as dificuldades de integração nos clubes. A dimensão empírica deste texto baseia-se num conjunto de entrevistas efetuadas a jovens jogadores guineenses que se encontram em Portugal, tendo as mesmas sido obtidas no âmbito do Projeto SINAFE³. Quando se ouvem os jovens jogadores, os percursos desde a origem até ao destino, bem como a busca de alternativas de vida, os seus processos de integração e regularização, não se pode ficar indiferente às representações do futebol contemporâneo.

A GLOBALIZAÇÃO DO DESPORTO, AS MOBILIDADES E A ASPIRAÇÃO A PARTIR

A investigação na área da sociologia do desporto tem dedicado cada vez mais atenção às mobilidades migratórias dos atletas (Gillon; Grosjean; Ravenel, 2010; Maguire; Falcous, 2011; Maguire; Liston; Falcous, 2021), sendo o desporto associado ao processo estrutural da globalização e ao novo cosmopolitismo (Beck, 2006; Giulianotti; Robertson, 2007). Algumas destas mobilidades desportivas representam o movimento de atletas de elite, em particular no mercado do futebol e das suas transações multimilionárias. O futebol de elite, de acordo com Ravenel e Poli (2015), deve ser analisado considerando tanto o seu aspeto identitário como o seu aspeto transnacional e de rede. Se é verdade que as duas dimensões estão interligadas, as questões identitárias destacadas por estes autores são apenas as relacionadas com a identidade do país anfitrião, quer ao nível dos clubes, quer no seu impacto nas narrativas de construção da nação.

Se a identidade pode ser analisada do lado do país de acolhimento e pensada em termos do seu grau de acomodação à identidade do “outro”, é inegável que os atletas migrantes, pela própria natureza da sua migração - do sul para o norte - transportam marcadores identitários, como a raça, o género, a etnia ou a classe e o estatuto jurídico, este último não menos importante, apesar de menos visível no contexto relacional quotidiano. Estes marcadores influenciam as trajetórias sociais e profissionais dos jogadores, bem como a sua capacidade de integração no país de acolhimento, especialmente quando se encontram em situações informais e não estruturadas, ou seja, fora das lógicas institucionais de uma carreira profissional.

Por internacionalização, entende-se a amplificação do mercado de trabalho futebolístico, com cada vez mais ligas a profissionalizarem-se, alguns campeonatos a tornarem-se predominantemente mercados de exportação ou de importação de jogadores e, conseqüentemente, a surgirem padrões relacionais entre países (por exemplo, a rota migratória do Brasil para Portugal é uma das mais expressivas). A transnacionalização refere-se à circulação de jogadores por vários países, bem como à especulação sobre os valores das transferências. Estes dois aspetos são igualmente relevantes para este trabalho, no entanto,

³ Social Inclusion of Migrant Athletes in Europe é um projeto de parceria colaborativa financiado pela Comissão Europeia no âmbito do programa Erasmus + (<https://erasmus-plus.ec.europa.eu/projects/search/details/622658-EPP-1-2020-1-TR-SPO-SCP>). O seu objetivo é promover a inclusão social e a igualdade de oportunidades no desporto para todos os indivíduos, especialmente os de meios desfavorecidos, com base na premissa do “desporto como um direito humano”.

serão perspectivados não através da abordagem das trajetórias dos atletas de elite, mas daqueles que (ainda) não conseguiram concretizar os seus planos de carreira futebolística. Neste sentido, tal como falamos de transnacionalismo de cima e de baixo (Smith; Garnizo, 1998) para nos referirmos à distinção entre o transnacionalismo das elites e o da força de trabalho não qualificada, podemos estabelecer um paralelo com os desportistas de elite e todos aqueles que constituem um “exército de reserva” que engrossa as situações de precariedade ou de irregularidade.

As abordagens antropológicas (Besnier; Calabro; Guinness, 2021) mostram como as aspirações dos atletas se estruturam em projetos diferenciados em função das situações desportivas em que se encontram. Ou seja, estruturam-se em função da modalidade particular através da qual pretendem desenvolver uma carreira desportiva, das estruturas desportivas do país onde se encontram e das redes de que fazem parte estes aspirantes a profissionais. O que surge como constante é a forma como os seus projetos de mobilidade são idealizados tendo como horizonte, nas palavras dos autores (e dos sujeitos entrevistados), um “futuro noutra lugar”.

A noção de aspiração (Appadurai, 2004) ressoa fortemente nesta discussão, na medida em que a motivação para seguir uma carreira desportiva profissional se confunde com o projeto migratório mais amplo. “Aspirar” é uma antecipação de perspetivas que molda a mobilidade dos sujeitos e as redes de que fazem parte. Esta conceção tem em conta a agência dos migrantes na sua relação com os poderes institucionais e os constrangimentos das redes. Entre estes, empregadores, agentes e o ambiente económico em que ambos se movem contribuem para definir as trajetórias dos atletas (Agergaard, 2018). Isto significa que, apesar de se moverem num contexto de globalização, as estratégias dos migrantes desportivos têm de ter em conta a complexidade das fronteiras como parte do sistema global do futebol, que não é separado do sistema dos Estados, como os regulamentos da FIFA deixam claro.

As migrações desportivas devem ser claramente entendidas no contexto de um mercado globalizado e de uma estrutura comunicacional igualmente globalizada, construída de acordo com as lógicas da espetacularidade e do risco. Tais fenómenos estão ligados à decisão de migrar, um processo que, longe de ser linear, está sujeito a sucessivas adaptações e ajustamentos (Agergaard; Ungruhe, 2016). Desde logo, a geografia da mobilidade desportiva segue os mesmos preceitos da mobilidade laboral que se desloca do sul para o norte, ou seja, a relação entre o centro e a periferia do sistema mundial e a sua divisão do trabalho, alimentada por fluxos transnacionais persistentes (Castles; Delgado, 2008; Wallerstein, 1974). Nesta visão, a assimetria económica entre regiões assume um papel central, sobretudo quando se considera a existência de academias de futebol que gerem o talento futebolístico autóctone para exportação (Darby, 2010; Darby; Solberg, 2010).

Segundo Kivisto (2011), as perspetivas institucionais e estruturais, que se centram na assimetria da geografia económica ou na institucionalização dos mecanismos de recrutamento, tendem a negligenciar formações sociais como as famílias e as comunidades de pertença, como realidades sociais facilitadoras da migração ou como constrangedoras da mesma. Neste último caso, destaca-se a pressão sobre o imigrante para se tornar o principal provedor da família no país de origem (De Haas, 2010; Mazzucato, 2008).

Esson (2015) mostra como os aspirantes a futebolistas africanos recrutados por intermediários, muitas vezes informais, são confrontados com duas situações padrão: a) o jogador passa no crivo e obtém um contrato, muitas vezes após várias transferências nacionais e internacionais, mesmo que seja inseguro; b) o jogador não passa no crivo de nenhum clube ou o seu contrato não é renovado, vê-se abandonado pelo intermediário e cai numa situação irregular. Todos estes percursos são diferentes dos percursos dos futebolistas de elite, para os quais a estrutura institucional e desportiva dos clubes serve de plataforma integradora.

Há uma temporalidade nas trajetórias migratórias que deve ser considerada quando se abordam estes projetos migratórios (Pine, 2014). Um antes e depois que é configurado pelas estruturas de oportunidades a que os jovens têm acesso, mas também pela subjetividade neoliberal que molda as aspirações à mobilidade (Bessnier; Calabró; Guinness, 2021). Os investimentos em carreiras desportivas orientadas pela lógica neoliberal da autopromoção e do autoaperfeiçoamento coexistem culturalmente com a exigência de sustentar a família de acordo com a incumbência que o papel tradicional masculino lhes confere (Bessnier; Calabró; Guinness, 2021). Estes dois fatores culturais em relação simultânea correspondem a duas temporalidades complementares na trajetória migratória. O desejo de uma carreira desportiva na Europa que se traduza em sucesso financeiro e social coexiste com as obrigações familiares e a aspiração de regressar mais tarde a uma vida de atleta reconhecido. Note-se que, como mostra Melly (2011), as remessas enviadas para o país de origem são um sinal de “masculinidade bem-sucedida”.

Por fim, importa sublinhar a crítica que põe em causa a categoria específica das “migrações atléticas” enquanto processos sistémicos uniformes, geridos através de mercados nos quais impera a lei da oferta e da procura, entre clubes do norte e bases de recrutamento no sul global (Hann, 2021). Só estes processos, nos níveis mais estruturados de recrutamento, normalmente caracterizados pela via contratual, podem ser vistos como migrações de trabalho desportivo. Como diz Hann (2021, p. 210) sobre os jovens aspirantes a futebolistas senegaleses, na sua maioria, o que se encontra é “[...] uma coleção confusa de projetos altamente individualizados caracterizados pela determinação e aspirações dos próprios atletas”. Embora estes projetos sejam individualizados em termos da sua conceção de um futuro “noutro lugar”, são desencadeados pelas estratégias de aliciamento dos intermediários e pelas medidas que os clubes tomam para se dotarem de recursos humanos valiosos. No entanto, estas ações acabam, em grande medida, por não respeitar as disposições normativas das federações e das entidades estatais.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

De forma breve, dá-se conta dos aspetos metodológicos que presidiram ao trabalho empírico inerente a este texto. Como referido anteriormente, o trabalho de campo foi realizado em parte, no âmbito do Projeto SINAFE e consistiu numa metodologia qualitativa, com a aplicação de duas técnicas metodológicas: entrevista semi-estruturadas e grupo de discussão. O objetivo desta estratégia metodológica foi garantir as perspetivas de um conjunto alargado de atores.

Para o efeito, os dados discutidos neste artigo foram obtidos de entrevistas com 12 jogadores guineenses, realizadas presencialmente em Portugal durante os meses de junho a setembro de 2021. O grupo de discussão foi realizado em Lisboa, em abril de 2022, com futebolistas da Guiné-Bissau em situação de desemprego e de vulnerabilidades sociais.

O guião de entrevista abordou diferentes aspetos das trajetórias migratórias e desportivas destes atletas, nomeadamente: motivações para migrar e processo migratório; contextualização desportiva e social nos territórios de origem; dificuldades e restrições no país de acolhimento; formas de lidar com as dificuldades. O objetivo foi refletir uma variedade de situações sociais e profissionais, das quais resultam interesses e posições morais por vezes divergentes, as quais revelam as lógicas, estratégias e interesses que estão na base deste processo migratório para Portugal. A análise de conteúdo (Krippendorff, 2018) das entrevistas efetuadas a jovens jogadores africanos em Portugal revela as lógicas, estratégias e interesses que estão subjacentes a todo o processo migratório.

A migração de futebolistas africanos para a Europa não é um processo uniforme. Enquanto muitos futebolistas seguem os procedimentos de transferências internacionais regulamentados pela FIFA, muitos outros seguem vias não convencionais, à margem das regras da FIFA e das leis estatais sobre a entrada de estrangeiros nos países de destino. Os jogadores que apenas dispõem desta segunda via para imigrar para a Europa envolvem-se assim em dinâmicas complexas, em que as hipóteses de sucesso são escassas, correndo o risco de se encontrarem em situações de enorme vulnerabilidade (Esson, 2015; Ungruhe; Büdel, 2016).

SUBJETIVIDADE MIGRATÓRIA E REDES DE RECRUTAMENTO (AGENTES, FAMÍLIAS E CLUBES)

A Guiné-Bissau revela um conjunto amplo de constrangimentos estruturais aos níveis social e desportivo, que se evidenciam na falta de condições, recursos e meios materiais e financeiros, que obrigam à procura de alternativas fora do país, num amplo processo diaspórico (Vitorino; Cissé, 2020). Ao longo dos 50 anos da independência, o país viveu diversos golpes militares e convulsões políticas graves, em consequência de uma intensa promiscuidade entre o poder político e militar, na luta pelo controlo do Estado. Anteriormente, como agora, uma parte significativa da população é extremamente vulnerável. Em 2022, as Nações Unidas classificaram a Guiné-Bissau em 177.º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano, com uma esperança média de vida de 59,7 anos, 1,9 dólares de rendimento nacional bruto per capita, com 35,9% da população a viver em grave pobreza multidimensional e 47,7% a viver abaixo do limiar de pobreza monetária (PNUD, 2022). Todos estes dados proporcionam uma imagem do país que ilustra a profunda precariedade da realidade social e da dimensão humana no país. O desporto, e em particular a organização do futebol são reflexo de todas estas vulnerabilidades.

Os processos de recrutamento e contratação de jogadores são pouco estruturados. As entidades locais são frágeis, com baixa penetração de organizações estrangeiras, e estão mais estruturadas em torno de iniciativas individuais, particularmente de ex-jogadores, que atuam como intermediários entre os clubes europeus e as bases de recrutamento na Guiné. O exemplo da academia MAIBAC na região de Bambadinca ilustra este processo. Um antigo internacional guineense criou uma academia nesta região da Guiné com o objetivo de atrair talentos para os clubes espanhóis de que era membro e onde reside atualmente (Jornal O Democrata, 2023). Da mesma forma, um conhecido intermediário guineense que vive em Portugal criou uma academia de topo em Bissau, através da qual recruta jovens jogadores para clubes portugueses. A academia tem ligações com outras academias em Cabo Verde, Moçambique e Senegal e pretende alargar essas ligações a redes de recrutamento no Gana, Costa do Marfim ou Serra Leoa (Sportinforma/Lusa, 2017).

A DECISÃO DE MIGRAR RARAMENTE É UMA ESCOLHA ISOLADA

Nas motivações e condições estruturais que levam à emigração dos jovens guineenses, são essencialmente invocados dois fatores. O primeiro são as circunstâncias financeiras que afetam o círculo familiar. O segundo são as reduzidas perspetivas de progressão numa carreira futebolística para esses atletas nos seus próprios países.

Lidar financeiramente com a família surge como uma motivação recorrente nas decisões destes jogadores. As circunstâncias financeiras familiares adversas são, na maioria dos casos, o fator determinante para o projeto migratório. Na Guiné, como noutras partes da África Ocidental, como o Gana (Darby, 2013) ou o Senegal (Hann, 2021), ganhar um bom salário e, assim, poder sustentar a família parece fazer parte dos projetos migratórios dos

jovens futebolistas. Mas é muitas vezes nas relações familiares ou de amizade que a motivação para migrar se sustenta.

O papel da família está longe de ser negligenciável na decisão do jogador de emigrar, como foi eloquentemente demonstrado por Van der Meij e Darby (2014). Muitas vezes, são as famílias que incentivam os filhos a seguir carreira no futebol, como forma de lidar com as dificuldades materiais.

Quando vejo a composição da minha família, apercebo-me de que tenho a obrigação de ajudar a minha família a sair da pobreza. Imaginem que a minha mãe não ganha nada e que somos muitos a cuidar dela, o meu pai faleceu. É por isso que me concentrei no objetivo de jogar aqui e de tirar a minha família da pobreza [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 21 anos].

Outro relato, também da Guiné-Bissau, exprime a sua condição precária de jogador de futebol no seu país natal:

Em primeiro lugar, tem a ver com a questão da falta de alimentação, da falta de condições nos clubes e estamos a treinar sem comer absolutamente nada e a jogar sem receber salário. No meu caso particular, se continuasse lá, deixaria de jogar futebol e continuaria a estudar [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 19 anos].

Ungruhe (2016) enfatiza que a impossibilidade de mobilidade para os jovens africanos funciona como uma “morte social”. A imigração para a Europa ou América é vista como a obtenção de um estatuto social e económico que dá acesso a produtos e estilos de vida que não estão disponíveis em África (Ungruhe; Esson, 2017). A ambição dos jovens futebolistas insere-se neste contexto cultural.

Os exemplos da Guiné-Bissau parecem sugerir uma subsistência muito mais fundamental, em termos de sobrevivência de si próprio e da sua família - uma necessidade material pura. A pobreza, como realidade objetiva, emerge como um fator decisivo nas falas destes jovens, mais do que qualquer outro fator de natureza mais subjetiva. A escolaridade não é solução, porque não há possibilidades de progressão. A realidade é demasiado dura.

A família não é apenas o núcleo para o qual importa contribuir e ajudar, ela desempenha um papel ativo na negociação dos termos em que o processo migratório é desencadeado. Por exemplo, três dos nossos entrevistados revelaram que a família se mobilizou para pagar a viagem para Portugal, bem como todos os documentos legais inerentes (certificados médicos, registo criminal, vacinações, entre outros), num valor que pode ascender a 1.600 euros. Ou seja, a família é um dos principais atores na construção da trajetória migratória desses jovens.

Sim, toda a minha família esteve sempre ao meu lado, especialmente a minha mãe que, com o pouco que ganhava como vendedora ambulante, me comprou material desportivo para que eu pudesse ser jogador um dia [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 20 anos].

Para compreender como esta relação é percecionada, tem que se levar em conta o triângulo social: família, agente e o jogador. Nesse sentido, a decisão nunca é uma ação isolada. Essa decisão só é compreensível quando enquadrada numa rede de elementos que se reforçam mutuamente e que engendram o projeto de migração.

A família alargada, no país de destino, acaba também, muitas vezes, por funcionar como uma rede de segurança no contexto da chegada. No entanto, a lógica aqui inverte-se,

pois como as famílias migrantes também são pobres, o jogador migrante que não ingressa num clube acaba por ser pressionado a contribuir para o bem-estar da família que o acolheu, conseguindo outro emprego. Os jovens têm dificuldade em conciliar estas duas exigências, o que conduz a empregos sem saída ou a horários de trabalho excessivos (combinando horas de trabalho com treino de futebol).

“ANTES DE REGRESSAR PRETENDO ATINGIR OS MEUS OBJETIVOS”

A relação dos agentes com os jogadores que representam é um sistema de tutoria. É essa situação que torna a relação próxima e extremamente precária. Os agentes sublinham a forma como apoiam os jogadores em migração, a forma como cobrem as suas despesas (desde a compra de chuteiras até ao pagamento dos estudos) e a preocupação em acompanhar o potencial jogador a vários testes até esgotar todas as possibilidades.

A relação estabelecida com o agente deixa de ser estritamente contratual e passa a estar em conformidade com um sistema de dádiva. É também por isso que o recurso a normas e quadros jurídicos oficiais é excluído quando a troca que se estabelece não é formal, mas participa de uma racionalidade alternativa. É uma troca baseada na reciprocidade subjetiva. Nesse sentido, trata-se verdadeiramente de dádiva, no sentido atribuído por Mauss (1967) em que, apesar da aparência voluntarista, se realizam trocas obrigatórias e reforçadas por sanções, onde a obrigação de retribuir está implícita. Isto porque a troca organizada desta forma não envolve apenas dois indivíduos em posições de negociação distintas, mas, tal como no sistema de dádivas, envolve uma coletividade mais ampla, ou seja, o grupo familiar do jogador. É também por isso que a situação de dependência entre jogador e agente se torna tão extrema: o reflexo mais forte disso é a condição de privação de direitos e exclusão social do jogador quando o negócio não é bem-sucedido.

Como nada é oficializado antes da própria assinatura de um contrato com um clube e tudo deriva da lógica da relação de compromisso, há uma suposição tácita entre as partes de que o agente acabará por se desvincular. Isso explica em grande medida por que os relatos dos jogadores não apresentam fortes julgamentos morais sobre a conduta de seus agentes. Pelo contrário, internalizam eles próprios a responsabilidade e considera-se que o projeto foi meramente adiado.

Sim, ainda há uma lacuna, haverá sempre. Tenho de dar o máximo, tenho de dar sempre o máximo, porque o futebol é difícil, é difícil [Jogador desempregado, Guiné-Bissau, 21 anos].

O adiamento da aspiração a uma carreira no futebol profissional levanta a questão de que acontece quando o projeto migratório falha? Em primeiro lugar, coloca-se a questão da possibilidade de regressar ao país de origem como forma de contrariar a situação precária. Embora a teoria tenha mostrado que as razões para os imigrantes voltarem para a África são mais complexas e variadas do que a narrativa oficial, no caso destes jogadores guineenses, tanto a vergonha de regressar como o desejo de permanecer na Europa parecem estar no centro desta decisão. Situação idêntica foi identificada por Esson (2015) no caso dos ganeses na França.

Neste contexto, estes jogadores tendem a evitar ao máximo o regresso, seja através de estratégias de autoestima (Leary; Baumeister, 2000), através das quais acreditam que ainda serão bem-sucedidos no futebol, permanecendo assim num limbo social à espera de uma oportunidade, seja tentando entrar no mercado de trabalho. Continuar os estudos ou seguir uma carreira académica, deixando o mundo social do futebol, não parece ser uma opção contemplada.

[...] antes de regressar pretendo atingir os meus objectivos [...] não posso regressar sem ter dinheiro. Imagina se eu voltasse para a Guiné-Bissau sem ajudar a minha família [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 19 anos].

As várias entrevistas realizadas com jogadores revelam a dificuldade em alinhar os seus desejos com as reais possibilidades. Assim, as aspirações estão totalmente desfasadas da realidade, tal como o sonho de jogar nos maiores clubes da Europa, quando os jogadores não conseguem sequer que um clube regional os contrate.

A possibilidade de regresso é adiada indefinidamente, não só porque não têm meios para pagar uma viagem de regresso ao país de origem, mas porque o sonho de ter sucesso no futebol continua a ser o único projeto admissível. Como Esson (2015) enfatizou, não é apenas a vergonha social que impede o retorno, mas sobretudo, porque se trata de um projeto migratório global cuja intenção é chegar à Europa. No entanto, os nossos entrevistados afirmam querer continuar a tentar a sorte no mundo do futebol, e a necessidade de optar por outro emprego figura nas suas representações como um fracasso.

A “fuga de África” enquanto projeto de mobilidade atualiza-se nos planos destes atletas pelos exemplos de sucesso que sistematicamente seguem nos media e nas redes sociais.

FORMAS DE ENFRENTAR A IMOBILIDADE (OU NÃO) DOS FUTEBOLISTAS GUINEENSES EM PORTUGAL

Ser ilegal, o que é muito comum entre estes jovens jogadores, é também característica destes percursos para o mundo do futebol. O esquema mais difundido é a entrada em Portugal com um visto de turista. Os caminhos estão longe de ser homogêneos e alinhados com as expectativas. Durante um curto período de tempo, estes atletas podem abandonar os testes em clubes da primeira divisão para clubes da terceira liga, se forem rejeitados nos testes que fazem nos clubes mais prestigiados. Nesse sentido, a maioria das situações constitui casos de “tráfico de futebol” (Poli, 2010) em contraste com a prática mais criminosa de “tráfico através do futebol”. Enquanto no primeiro deles há um interesse do clube - seja ele oficial ou não - no segundo caso todo o processo é uma fraude, com coerção e às vezes violência contra o indivíduo.

As entrevistas realizadas sublinham, sem exceção, que estes jovens estiveram nos clubes para os quais são encaminhados pelos agentes. Acontece, no entanto, que estes jovens jogadores acabam num ciclo de ilegalidade: tendo entrado no país com um visto de turista, rapidamente se tornam ilegais e, portanto, não podem jogar, em alternativa, vêm com cartas de convite dos clubes, fazem os ensaios, mas não são aceites e por isso não conseguem assinar um contrato e caem, igualmente, em situação ilegal. Os clubes subsequentes não os inscrevem, porque estão em situação irregular. O caso de um jogador que não jogava oficialmente há um ano, mas ainda treinava na academia de um grande clube nacional, ilustra esta situação de incerteza:

Sim, fiquei um ano sem jogar à espera da minha documentação (legalização) [...] Continuei a treinar com a equipa e vivi na Academia, só que não fui jogar por falta da autorização de residência em Portugal [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 20 anos].

Nos clubes regionais, com muito menos recursos, as situações não são tão ideais em termos de sobrevivência material. São referidas situações de extrema necessidade, que vão desde atletas a dormir sob as bancadas do estádio de um clube na periferia de Lisboa porque não tinham alojamento, até treinadores pagando alimentação e providenciando alojamento. O

recurso a familiares, eles próprios ex-migrantes de África residentes em Portugal, é muitas vezes o principal meio de apoio destes atletas.

Apesar de falharem nos testes dos clubes, e alguns tentarem cinco ou mais clubes, recorrem a academias informais, que servem de mecanismo de apoio aos jogadores que são despedidos no mercado de transferências. Pertencer a uma organização desta natureza permite-lhes continuar o sonho e, ao mesmo tempo, serve para “construir comunidades”, alimentando relações de solidariedade com nacionais do mesmo país e com indivíduos na mesma posição. Nestas pretensas academias, os jogadores esperam ser encontrados por um novo agente que os ajude a encontrar um clube.

A partir do material recolhido é possível identificar três estratégias para resolver o problema da ilegalidade no país. Inscrição escolar e consequente concessão de visto de estudante, que permite posterior inscrição num clube; obtenção de carta convite de um clube, *post-factum*; e, a hipótese mais bizarra, ser adotada pelo próprio intermediário. Neste último caso, não é raro encontrar jogadores com o mesmo sobrenome de seu agente devido ao processo de adoção⁴. Mas a estratégia mais recorrente parece ser a matrícula escolar, que os qualifica para um visto de estudante. Segundo um jovem futebolista sem clube, mas a residir legalmente em Portugal,

Na minha opinião, quando os agentes tiram um jogador da Guiné-Bissau, ele tem de ir à escola, porque se não for à escola, não terá um documento fácil. [...] meus colegas, outros, eles não têm documentos por causa disso, ele só brinca, só brinca, não vai para a escola. Se ele vai para a escola, ele vai 2 (dois) meses, ele vai te dar residência [Futebolista guineense, 21 anos].

Remigraton é outra estratégia que esses jogadores seguem quando os seus planos iniciais para uma carreira no futebol são condicionados. O caso de um jogador cuja rota migratória começou em França, onde permaneceu alguns meses e não ingressou no clube prometido, ilustra este ponto. O seu agente trouxe-o depois para Portugal, onde esteve “à experiência” num clube da primeira liga, que também não o aceitou. Acabou num clube do norte do campeonato regional. Esse jovem jogador, atualmente a jogar no campeonato regional, ainda ambiciona jogar nas grandes ligas europeias e está apenas à espera da sua oportunidade. Estes processos de remigração são vistos como sequências necessárias e naturais da viagem migratória. Enquanto em alguns casos, os jovens são acompanhados por um intermediário, em outros casos os jogadores acusam seus agentes de abandoná-los à sua sorte quando os processos correm mal. Muitos relatos apontam que na primeira recusa o intermediário não assume mais responsabilidades e deixa o jovem futebolista numa posição totalmente precária. É o caso do jogador guineense, atualmente a jogar noutro país europeu, que esteve retido em Portugal durante um ano devido à caducidade do seu visto de curta duração. De acordo com o seu relato, quando não foi aceito no clube para o qual tinha recebido uma carta-convite, foi abandonado pelo seu agente, e o clube também não assumiu qualquer responsabilidade. É assim que ele exprime o problema:

São os nossos agentes que precisam de mudar as suas formas de trabalhar. Imaginem que trazem um jogador de futebol guineense para cá e depois quando ele não passa no primeiro teste, ou seja, na primeira vez que vai a

⁴ Há mais casos deste tipo. Por vezes, acontece que os agentes recorrem a imigrantes naturalizados, ou seja, com cidadania portuguesa, para registar os jovens futebolistas nos seus países de origem quando aqui chegam, porque na maioria dos casos são menores de idade (idade inferior a 18 anos), obtêm a cidadania portuguesa de uma forma mais fácil através da Lei da Nacionalidade Portuguesa (filhos de cidadãos portugueses). Esta forma de adoção ocorre de forma legal, uma vez que os pais dos atletas aceitam os termos dos agentes.

julgamentos, abandonam-no e não assumem responsabilidade por nada [Jogador de futebol, Guiné-Bissau, 19 anos].

Estas narrativas mostram que muitas das trajetórias dos aspirantes a futebolistas profissionais vindos de África são problemáticas e afastam-se da incorporação institucional dos atletas de elite e das suas carreiras. Os casos aqui analisados dão credibilidade à ideia de complexificação de categorias nas migrações desportivas, destacando formas irregulares, marginais e precárias.

CONCLUSÃO

Para muitos jovens jogadores africanos, o futebol europeu é um jogo, mas também o sonho de um possível futuro de emancipação. Os nomes de jogadores africanos transformados em estrelas do desporto são referências de histórias de sucesso de quem deixou África e chegou ao topo do futebol mundial. Muitos jovens jogadores sonham com um caminho semelhante. Numa lógica relativamente linear, a intenção migratória dos jovens jogadores africanos, radica nessa ambição de se tornarem futebolistas profissionais, com todas as regalias que lhe são inerentes. Contudo, as motivações e dinâmicas inerentes a esta mobilidade não se pautam forçosamente por uma relação de causa e efeito resultante da sedução do mundo do futebol, sendo também determinadas por processos complexos inerentes aos contextos familiares e sociais de origem e destino.

O futebol é o argumento para emigrar. Mas é apenas um argumento, pois na essência o objetivo é sair, deixar o país, emigrar para Portugal, para qualquer outro país europeu ou outro qualquer destino que permita a emancipação das condições de pobreza que se vivem no país de origem. Esta é a realidade latente, não assumida por cada jovem na sua odisseia pessoal de tentar uma carreira de futebolista no estrangeiro, e que em confronto com a realidade, se torna progressivamente manifesta. Os jovens jogadores guineenses que se encontram em Portugal, e que participaram no trabalho de campo deste texto, tornaram evidente esta realidade.

As precárias condições sociais e desportivas existentes na Guiné-Bissau são elementos estruturantes para a decisão de emigrar. Esta decisão não é tomada isoladamente pelo jogador, sendo tomada num processo de interação com a família e um agente promotor do processo migratório. A família incentiva a emigração, pois percebe neste processo uma possibilidade de melhoria das condições de vida, sendo assim parte ativa do processo. O agente, por seu lado, reproduz uma narrativa de sucesso, omitindo as previsíveis dificuldades de integração que o jovem jogador irá enfrentar, assumindo essencialmente um papel de tutor ao longo de todo o processo de emigração, com a expectativa de ganhos financeiros desse processo. Na partida do jogador para a Europa, percebe-se a convivência tripartida entre jogador, família e agente, embora com níveis diferenciados de implicação. Na maioria das situações, o sonho confrontado com a realidade dilui-se. Normalmente a qualidade do jogador não corresponde às exigências competitivas dos clubes a que aspira, e desce nos níveis de competitividade até aos clubes das ligas regionais, ou então fica sem clube, em situação de vulnerabilidade. Por vezes, também há dificuldades no processo de legalização no país de destino, o que torna o jogador ainda mais vulnerável. Diante das dificuldades, o agente tende a desaparecer, o que dificulta a situação dos jovens atletas, e eles buscam alternativas de sobrevivência assumindo empregos em outros setores. Progressivamente, o projeto migratório enquanto futebolistas transforma-se num projeto migratório laboral indiferenciado, numa recusa de regresso ao país de origem.

Em toda esta trajetória migratória, é desconcertante como, em nome do futebol, se sustentam ilusões, abusando dos sonhos dos jogadores, da ilusão das famílias, através de

estratégias de agentes há muito conhecidas, utilizando caminhos e procedimentos conhecidos dos entes federativos e das autoridades nacionais. Os procedimentos de operacionalização destas situações, que podem ser consideradas como tráfico de pessoas, são relativamente comuns. A desinformação nos países de origem sobre o que pode acontecer nos países de destino pode ser combatida através de campanhas de informação nos meios de comunicação social, de mensagens nas redes sociais e, essencialmente, através da desconstrução da narrativa de sucesso feita por atores estabelecidos. Nos países de destino, mais do que o controlo feito pelas autoridades nacionais, seria importante que as autoridades desportivas fossem ativas na forma como estes jogadores são recebidos, acolhidos, experimentados, utilizados ou recusados, atuando e penalizando clubes e agentes abusivos, e criando quadros específicos de apoio aos jogadores que se encontram em situação de vulnerabilidade.

O desejo dos jovens jogadores que saem da Guiné-Bissau para a Europa, é o de se tornarem futebolistas profissionais. Poucos o conseguem, e a maioria fica num limbo de incertezas, a atuar em competições amadoras, confrontados com a dura realidade de encontrar soluções para as suas vidas e das suas famílias noutros setores de atividade da economia informal, normalmente precários, inseguros e mal remunerados. Este é o sonho dos jovens jogadores guineenses, mas também o sonho de muitos outros jovens africanos, sul-americanos e de outros espaços, jovens anónimos que fugidos da pobreza procuram soluções para as suas vidas em intensos processos migratórios.

REFERÊNCIAS

AGERGAARD, S. **Rethinking sports and integration**: developing a transnational perspective on migrants and descendants in sports. London: Routledge, 2018.

AGERGAARD, S.; UNGRUHE, C. Ambivalent precarity: career trajectories and temporalities in highly skilled sports labour migration from West Africa to Northern Europe. **Anthropology of Work Review**, v. 37, p. 67-78, 2016.

APPADURAI, A. The capacity to aspire: culture and the terms of recognition. *In*: RAO, V.; WALTON, M. (org.). **Culture and public action**. Stanford SA: SUP, 2004. p. 59-84.

BALE, J.; MAGUIRE, J. **The global sports arena**: athletic talent migration in an interdependent world. Londres: Frank Cass, 1994.

BECK, U. **The cosmopolitan vision**. Cambridge: Polity Press, 2006.

BEN-PORAT, A. The political economy of soccer: the importation of foreign soccer players to the Israeli League. **Soccer & Society**, v. 3, n. 1, p. 54-68, 2002.

BESNIER, N.; CALABRÓ, D.; GUINNESS, D. **Sport, migration, and gender in the neoliberal age**. New York: Routledge. 2021.

CAIDI, N.; ALLARD, D. Social inclusion of newcomers to Canada: An information problem? **Library & Information Science Research**, v. 27, n. 3, p. 302-324, 2005.

CASTLES, S.; DELGADO, W. (org.). **Migration and development**: perspectives from the South. Geneva: International Organization for Migration [IOM], 2008.

DARBY, P. 'Go Outside': The History, Economics and Geography of Ghanaian Football Labour Migration. **African Historical Review**, v. 42, n. 1, p. 19-41, 2010.

DARBY, P. Moving players, traversing perspectives: Global value chains, production networks and Ghanaian football labour migration. **Geoforum**, v. 50, p. 43-53, 2013.

Carlos Nolasco; Nuno Oliveira

DARBY, P.; SOLBERG, E. Differing trajectories: football development and patterns of player migration in South Africa and Ghana. **Soccer & Society**, v. 11, n. 1-2, p. 118-130, 2010.

DE HAAS, H. Migration and development: a theoretical perspective. **International Migration Review**, v. 44, n. 1, p. 227-264, 2010.

ESSON, J. Better Off at Home? Rethinking Responses to Trafficked West African Footballers in Europe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 41, n. 3, p. 512-530, 2015.

GILLON, P.; GROSJEAN, F.; RAVENEL, L. **Atlas du sport mondial**. Paris: Autrement, 2010.

GIULIANOTTI, R.; ROBERTSON, R. Sport and Globalization: Transnational Dimensions. **Global Networks**, v. 7, n. 2, p. 107-112, 2007.

HANN, M. Imagining migration and mobility through sport in Senegal. In: BESNIER, N.; CALABRÒ, D. G.; GUINNESS, D. (org.). **Sport, migration, and gender in the neoliberal age**. New York: Routledge, 2021. p. 195-212.

JORNAL O DEMOCRATA. Ex-futebolista guineense lança academia em Bambadinca. **Jornal O Democrata**, Desporto, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=43291>. Acesso em: 17 mar. 2024.

KIVISTO, P. Modernization, development and migration in a sceptical age. In: FAIST, T.; KIVISTO, P.; FAUSER, M. (org.). **The Migration-Development nexus: a transnational perspective**. Londres: Palgrave MacMillan, 2011. p. 204-224.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. London: SAGE Publications, 2018.

LANFRANCHI, P.; TAYLOR, M. **Moving with the ball**. The migration of professional footballers. Oxford: Berg, 2001.

LEARY, M. R.; BAUMEISTER, R. F. The nature and function of self-esteem: Sociometer theory. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 32, p. 1-62, 2000.

MAGEE, J.; SUGDEN, J. The world at their feet. Professional football and international labor migration. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 26, n. 4, p. 421-437, 2002.

MAGUIRE, J.; FALCOUS, M. Introduction. Borders, boundaries and crossings: sport, migration and identities. In MAGUIRE, J.; FALCOUS, M. (orgs.) **Sport and migration. Borders, boundaries and crossings**. London: Routledge, p.1-12. 2011.

MAGUIRE, J.; LISTON, K.; FALCOUS, M. Introduction: Mapping the Global Sports Sphere. In: MAGUIRE, J.; LISTON, K.; FALCOUS, M. (org.). **The Palgrave Handbook of Globalization and Sport**. London: Palgrave Macmillan, 2021. p. 3-18.

MAGUIRE, J.; STEAD, D. Border crossings: soccer labour migration and the European Union. **International Review for the Sociology of Sports**, v. 33, n. 1, p. 59-73, 1998.

MAUSS, M. **The Gift: forms and functions of exchange in archaic societies**. New York: W. W. Norton, 1967.

MAZZUCATO, V. The Double Engagement: Transnationalism and Integration – Ghanaian Migrants' Lives between Ghana and the Netherlands. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 34, n. 2, p. 199-216, 2008.

MELLY, C. M. Titanic Tales of Missing Men: Reconfigurations of National Identity and Gendered Presence in Dakar, Senegal. **American Ethnologist**, v. 38, n. 2, p. 361-37, 2011.

PINE, F. Migration as hope: space, time and imagining the future. **Current Anthropology**, v. 55, suppl., p. 96-104, 2014.

PNUD. **Global Multidimensional Poverty Index 2022**. New York: United Nations Development Programme, 2022.

POLI, R. The Migrations of African Football Players to Europe: Human Trafficking and Neocolonialism in Question. **Report Football for Development**, Vienna, Apr. 2010.

RAVENEL, L.; POLI, R. The migration of elite athletes. *In*: GUILIANOTTI, R. (org.). **Handbook of the Sociology of Sport**. London: Routledge, 2015. p. 408-416.

SMITH, M. P.; GARNIZO, L. E. (org.). **The Locations of Transnationalism**: transnationalism from Below. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

SPORTINFORMA/LUSA. Empresário guineense investe cinco milhões de euros em academia de futebol em Bissau. **Sapo**, Desporto, 29 out. 2017. Disponível em: <https://desporto.sapo.pt/futebol/internacional/artigos/empresario-guineense-investe-cinco-milhoes-de-euros-em-academia-de-futebol-em-bissau>. Acesso em: 17 mar. 2024.

UNGRUHE, C. Mobilities at play: the local embedding of transnational connections in West African football migration. **International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 15, p. 1767-1785, 2016.

UNGRUHE, C.; BÜDEL, M. 'Im Spiel bleiben. Ethnologische Perspektiven auf Fußballmigrationen aus Afrika'. **Zeitschrift für Ethnologie**, v. 141, p. 81-99, 2016.

UNGRUHE, C.; ESSON, J. A Social Negotiation of Hope Male West African Youth 'Waithood' and the Pursuit of Social Becoming through Football. **Boyhood Studies**, v. 10, n. 1, p. 22-43, 2017.

VAN DER MEIJ, N.; DARBY, P. No one would burden the sea and then never get any benefit: family involvement in players' migration to football academies in Ghana. *In*: HARRIS, J.; ELLIOT, R. (org.). **Football and Migration**. Oxon: Routledge, 2014. p. 159-79.

VITORINO, J.; CISSÉ, M. Por que e para onde os guineenses estão migrando? Uma proposta de análise do estado da arte de estudos sobre migrações na Guiné- Bissau. **Política Hoje**, v. 29, n. 1, p. 129-153, 2020.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World System**: capitalist agriculture and the origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century. Nova Iorque: Academic Press, 1974.

Recebido em: 17 mar. 2024.

Aprovado em: 30 abr. 2024.